

A inserção da Arquivística nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil

Georgete Medleg Rodrigues*
Angelica Alves da Cunha Marques**

*UnB
georgete@unb.br

**UnB
angelicaalvesdacunha@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa em realização no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Por meio da trajetória acadêmica e o reconhecimento institucional da Arquivística no Brasil, busca compreender a inserção da Arquivologia na pós-graduação do País, a partir do mapeamento dos programas e das linhas de pesquisa que têm afinidade com a área, bem como as dissertações e teses produzidas nesses programas que, de alguma forma, têm como objeto temas arquivísticos.

Palavras-chave: arquivologia; pesquisa em arquivologia; pós-graduação.

Abstract

This article is part of ongoing research in the Graduate Programme in Information Science at the University of Brasilia. By considering of the academic history and institutional recognition of archive practice in Brazil, it seeks to understand the insertion of Archival Science in this country's graduate system. The study maps research programmes and projects that are related to this area and also considers the dissertations and theses produced in these programmes that, in some manner, deal the archival theme.

Keywords: archival science; research in archival science; graduate study.

Introdução

No Brasil, o nascimento do Arquivo, como instituição, dá-se no século XIX, quando foi criado o Arquivo Nacional, com a denominação de Arquivo Público do Império. Entretanto, foi necessário aguardar mais de um século para que a Arquivologia, ou Arquivística¹ fosse reconhecida academicamente no Brasil. Isso ocorreu na década de 70 do século XX,² quando da criação dos primeiros cursos de graduação nas universidades públicas: em 1977, na Universidade Federal de Santa Maria/RS e na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e, em 1979, na Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ). Além disso, é naquela década que o movimento associativo congregando os profissionais da área tem início, com a criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros, em 20 de outubro de 1971 (Bottino, 1994, p. 12). Essa entidade, embora

¹ As duas formas são admitidas no Brasil, ambas significando a disciplina que tem por objeto "o conhecimento da natureza dos arquivos e das teorias, métodos e técnicas a serem observados na sua constituição, organização, desenvolvimento e utilização". (Dicionário de Terminologia Arquivística, 1996). Em Portugal, a terminologia aceita é "arquivística", com a mesma definição (Dicionário de Terminologia Arquivística, 1993).

² Segundo Britto (apud Jardim e Fonseca, 1999, p. 53) e Castro, Castro e Gasparian (1988, p. 47), em 1972, o então Conselho Federal de Educação concedeu às universidades brasileiras o poder de organizar programas de graduação em Arquivologia, por meio do Decreto nº 212, de 7 de março, que sugere a criação de uma Escola Superior de Arquivo.

³ Esse é um dos temas que poderiam ser objeto de pesquisa, isto é, uma avaliação do perfil dos autores e dos trabalhos apresentados nesses Congressos desde os anos 70. Nesse sentido, no relatório técnico-científico que apresentamos ao CNPq, em função do auxílio a evento recebido por nós para a realização do último Congresso de Arquivologia (Brasília, 23 a 26 de novembro de 2004) já esboçamos esse tipo de avaliação que pretendemos analisar num artigo futuro, como parte de um programa maior de pesquisa voltado para a compreensão do desenvolvimento da Arquivística no Brasil.

⁴ Dois dos mais importantes pesquisadores brasileiros da área têm sua origem profissional no Arquivo Nacional e fazem atualmente parte do corpo docente do Curso de Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF.

⁵ Trata-se de um documento publicado pelo CNPq, resultado da avaliação de grupos de trabalhos compostos de especialistas das diversas áreas do conhecimento. Todas as citações às quais nos referimos aqui estão no capítulo “Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia” (CNPq, 1978, p. 46-67). Participaram da elaboração do documento os seguintes especialistas: Abigail de Oliveira Carvalho (Coordenadora, CNPq), Afrânio Carvalho Aguiar (Programa de Informação em Ciência e Tecnologia – Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais), Ana Maria Athayde Polke (Escola de Biblioteconomia/UFMG), Antônio Agenor Briquet de Lemos (Redator, UnB, à época Departamento de Biblioteconomia/Faculdade de Estudos Sociais Aplicados), Jannice de Mello Monte-Mór (Biblioteca Nacional/MEC), Maria Lúcia Andrade Garcia (Index – Informações Científicas e Técnicas S/C, MG), Terezine Arantes Ferraz (Divisão de Informação e Documentação Científica/Instituto de Energia Atômica), Zila da Costa Mamede (Biblioteca Central/UFRN). Deve-se notar que na composição desse Grupo de Trabalho não havia ninguém da área de Arquivologia, fato, aliás, assinalado no documento (p. 51). Entretanto, ressaltamos que, apesar disso, o entendimento da área, de seu objeto, seus problemas e suas perspectivas estão bem avaliados. Mesmo porque, o Grupo utilizou documentos importantes e fundamentais produzidos pela Unesco sobre o tema.

de caráter corporativo, possibilitou, por meio dos seus congressos brasileiros, a divulgação dos trabalhos que vinham sendo desenvolvidos nas instituições de arquivo, além de congregar pesquisadores cujas temáticas aproximavam-se das preocupações dos arquivistas. Contudo, esses congressos eram, no início, essencialmente, um grande fórum de debates para os problemas práticos da área. Pode-se avançar a hipótese, na linha de argumentação que pretendemos desenvolver a seguir, que mesmo esses congressos, provavelmente, tiveram seu perfil modificado em função da consolidação e da ampliação dos cursos de graduação em Arquivologia. A participação, nesses encontros, de pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação, com apresentação de trabalhos – geralmente resultados de projetos de pesquisas, dissertações de mestrado ou teses de doutorado – é outro fator que pode ter alterado o perfil desses congressos.³

Até a criação dos cursos de graduação em Arquivologia, as reflexões sobre a área originavam-se basicamente nas instituições arquivísticas e estavam estreitamente vinculadas às necessidades de resolução dos problemas que se impunham no cotidiano dessas instituições quanto ao tratamento dos seus acervos arquivísticos. Nesse aspecto, o Arquivo Nacional desempenhou um papel fundamental: formou técnicos de alto nível, produziu uma bibliografia técnica importante; traduziu e divulgou autores essenciais para a Arquivologia.⁴ Entretanto, como destacado por Rousseau e Couture (1998, p. 257), a formação e a pesquisa em Arquivística não é a finalidade dos Arquivos Nacionais. À semelhança de outras disciplinas, prosseguem os autores, é essencial que tanto a formação quanto a pesquisa em Arquivística devam ser confiadas “às instituições que são as únicas a dispor de experiência, dos instrumentos e da credibilidade social para o fazerem, isto é, os estabelecimentos de ensino superior, universidades ou instituições do mesmo tipo, conforme os países”. Da mesma forma, ponderam os autores, essas não são tarefas das associações profissionais.

Essas raízes essencialmente práticas da disciplina, mesmo no plano internacional, como alguns autores já demonstraram (Rousseau e Couture, 1998; Silva et al., 1999), pode ser uma das razões que, no caso brasileiro, explicaria o estado atual da pesquisa em Arquivística. Por outro lado, a criação e a ampliação dos cursos de graduação em Arquivologia são um dos fatores que podem explicar a existência, sobretudo a partir dos anos 90, de pesquisas na área, pela presença de, por exemplo, professores dos cursos de Arquivologia nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Os profissionais com graduação em outras áreas do conhecimento (História, na sua grande maioria) e com destacada atuação na prática arquivística, também se sentiram motivados a aprofundar suas experiências na Academia, agora na pós-graduação. O documento *Avaliação & Perspectivas*⁵ (CNPq, 1978, p. 57) já constatava: “Reconhece-se, porém, que o desenvolvimento da pós-graduação está diretamente ligado ao ensino da graduação, pois é a necessidade de formação de docentes qualificados em nível de mestrado que tem atuado, principalmente, como motivação para criação dos cursos de pós-graduação.”

E, mais adiante, o documento ressaltava que:

Entre os obstáculos à pesquisa e ao desenvolvimento destaca-se a carência de recursos humanos especializados, tanto em termos de qualidade quanto de quantidade [...]. *No caso da Arquivologia, o quadro é muito mais grave, pois somente agora se inicia o processo de implantação dos cursos de graduação em instituições universitárias.* (CNPq, 1978, p. 63, grifos nossos).

O mesmo estudo, nas suas recomendações finais, indicava a necessidade de se implantar programas de doutoramento que atraíssem candidatos com “graduação diversificada”, mas que tivessem “condições e interesse em voltar-se para a pesquisa em Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação” (CNPq, 1978, p. 66). Gostaríamos, ainda, de destacar que essas recomendações alertavam, também, para a necessidade de se “desenvolver um projeto específico para a formação de mestres e doutores em Arquivologia” (p. 66).

Em outro volume de *Avaliação & Perspectivas* (CNPq, 1983), novo Grupo de Trabalho⁶ traçou o percurso e tentou esboçar um retrato das Ciências da Informação no Brasil. Num intervalo de cinco anos desde a publicação da primeira avaliação das áreas, novamente, no que diz respeito à Arquivologia, ressaltou-se a baixa formação de especialistas no âmbito da pós-graduação e pesquisa.

Assim, do que foi dito anteriormente, pode-se observar que os diagnósticos apontam para um vínculo entre a graduação e a pós-graduação, fato que gostaríamos de destacar no caso particular da Arquivologia. Então, a criação dos cursos de graduação talvez seja o grande marco definidor dos rumos da pesquisa em Arquivística no País. Ou, segundo Garon (1990, apud Couture, Martineau e Ducharme, 1999, p. 51) isso propiciou a emergência de uma “cultura de pesquisa” na área. De fato, para esses autores, a pesquisa é uma atividade que necessita não apenas de “dinheiro e cérebros”, mas “exige também uma cultura, uma ambiência e um meio que favoreça ao máximo seu resplendor”.

Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 51) corroboram o que já é senso comum na área científica, isto é, o de que “a pesquisa tem a necessidade de que se registrem seus resultados, que sejam transmitidos, difundidos com a ajuda de diferentes meios, tais como revistas especializadas, os congressos, os encontros e o ensino universitário”. Quanto a isso, não é por acaso que a produção científica e a sua comunicação é um dos objetos de estudo da Ciência da Informação (Meadows, 1999; Mueller e Passos, 2000). No caso da Arquivologia, pelas razões já apontadas anteriormente, as publicações especializadas têm sua origem nas instituições arquivísticas e servem, com poucas exceções, para divulgar os trabalhos desenvolvidos na própria instituição, incluindo-se avaliações relacionadas aos seus usuários. São essas instituições que publicam periódicos especializados, como é o caso da revista *Acervo*, editada pelo Arquivo Nacional ou de publicações de associações profissionais, como é o caso da revista *Arquivo & Administração*, publicada pela Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), apenas para lembrar duas das publicações mais antigas.

⁶ As redatoras dessa avaliação foram: professora Suzana Pinheiro Machado Mueller (UnB, do então departamento de Biblioteconomia, hoje departamento de Ciência da Informação e Documentação) e Nilza Teixeira Soares (à época, servidora da Câmara dos Deputados/Coordenação de Arquivo).

Nesse aspecto, um trabalho que precisa ser lembrado é o de Jardim (1998), que pela primeira vez buscou sistematizar e analisar a produção e comunicação do conhecimento arquivístico no Brasil, por meio de um levantamento dos artigos publicados no País em periódicos de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Administração e História. Segundo o autor (p. 247), o universo pesquisado não contemplava nenhum periódico específico na área, pela simples razão que eles não existiam no Brasil, pelo menos não com as características de uma publicação científica. Os periódicos selecionados, no período 1990-1995, foram: *Acervo*, *Anais do Arquivo Público do Pará*, *Arquivo e Administração*, *Arquivo e História*, *Boletim da Associação de Amigos do Arquivo Público do Paraná*, *Boletim de Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB)*, *Boletim do Arquivo do Estado de São Paulo*, *Boletim do Núcleo da AAB/SP*, *Boletim do Arquivo Municipal de Rio Claro*, *Ciência da Informação*, *Estudos Históricos*, *Informare*, *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, *Revista do Serviço Público*. As conclusões do autor destacaram os seguintes aspectos: a frequência de publicações, a sua distribuição geográfica, a procedência institucional dos artigos, os temas e os estados de origem dos autores.

Um mapeamento da produção científica em Arquivologia não poderia, portanto, ignorar essa realidade, mas deve-se atentar para o fato de que essa produção se encontra dispersa em inúmeras outras publicações quando se trata de trabalhos que têm origem na Academia, mais precisamente nos programas de pós-graduação. É assim que, atualmente, podemos encontrar artigos de pesquisadores vinculados aos programas de pós, professores dos cursos de Arquivologia ou alunos de pós-graduação - cujos temas de pesquisa estão voltados para os problemas arquivísticos – distribuídos nos seguintes periódicos, estes de natureza claramente acadêmico-científica: *Ciência da Informação* (IBICT/Brasília); *Informare* (IBICT/Programa de Pós-Graduação UFRJ/Rio de Janeiro); *Informação e Sociedade* (UFPB/Paraíba); *Revista de Biblioteconomia de Brasília* (UnB/DF); *Perspectivas em Ciência da Informação* (UFMG), *Datagramazero* (on-line).

Em 2002, foi lançado, pela Associação Brasileira de Arquivologia (Abarq/DF), o primeiro número de uma revista especializada voltada para temas arquivísticos. *Cenário Arquivístico*, embora publicada por uma associação de classe, tem-se destacado na divulgação de artigos de professores, alunos e pesquisadores da área. De periodicidade semestral, a revista pode ser considerada, atualmente, um veículo importante para a produção científica nacional na área.⁷

Reconhecida, no plano da formação acadêmica, como um bacharelado, a Arquivologia seria posteriormente também reconhecida por uma Agência de Fomento à Pesquisa nacional. Com efeito, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) incluiria a Arquivologia como uma subárea da área de Ciência da Informação, ambas abrigadas na grande área “Ciências Sociais Aplicadas”,⁸ contribuindo, dessa forma, no processo de reconhecimento institucional da disciplina.

⁷ Até o momento foram publicados cinco números da revista que conta, no seu Conselho Editorial, com professores dos Cursos de Arquivologia da Universidade de Brasília, da Universidade Federal de Santa Maria e do Curso de Especialização em Arquivos da Universidade de São Paulo, além de profissionais da área.

⁸ Nessa área encontram-se classificados: Direito, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Planejamento Regional e Urbano; Demografia, Ciência da Informação, Museologia, Comunicação, Serviço Social, Economia Doméstica, Desenho Industrial e Turismo. Em Ciência da Informação, encontram-se a Teoria da Informação, a Biblioteconomia e a Arquivologia.

Assim, considerando-se a situação atual da Arquivologia no Brasil, que já conta com nove cursos de graduação, com pesquisadores e estudos nas universidades e uma crescente presença profissional no mercado de trabalho, além de uma forte participação das instituições arquivísticas nos debates e reflexões sobre o fazer da área, acredita-se que é o momento de uma reflexão mais aprofundada sobre a sua trajetória no que diz respeito à pesquisa, particularmente aquela realizada no âmbito dos programas de pós-graduação. É o momento de se buscar desvincular a imagem tradicional da disciplina, isto é, como eminentemente técnica.⁹ Nesse sentido, convém lembrar a afirmação contida no documento *Avaliação & Perspectivas* (CNPq, 1978, p. 52): “O fato de a Biblioteconomia e a Arquivologia estarem voltadas para a aplicação de técnicas não quer dizer que *no seu âmbito não se realizem pesquisas ou se produzam novos conhecimentos*, da mesma forma que a Ciência da Informação não é exclusivamente teórica e desvinculada de aplicações práticas” (grifos nossos).

Após essas considerações iniciais, esclarecemos que este artigo é parte de uma pesquisa maior em realização no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília e teve algumas de suas etapas desenvolvidas em um projeto de Iniciação Científica (Pibic), concluído em 2003 pelas suas autoras.¹⁰ O Pibic, dentre outros aspectos, buscou mapear os cursos de graduação e os de pós que abrigavam linhas de pesquisa com temática em Arquivística ou que, ao menos, tangenciassem, pelo objeto e pela abordagem, a área. A pesquisa terá continuidade no mesmo programa de pós-graduação, agora como dissertação de mestrado na linha de pesquisa *Gestão da Informação e do Conhecimento*.

Nos limites deste artigo iremos apenas sintetizar alguns estudos sobre a pesquisa em arquivística no mundo e, no caso do Brasil, mapear os programas de pós-graduação e suas linhas de pesquisa nas quais é possível desenvolver estudos com temas arquivísticos e quantificar a produção relacionada à Arquivologia nesses programas.

A configuração da pesquisa em Arquivística no plano internacional

Um dos estudos mais importantes sobre o estado atual da pesquisa em Arquivística no mundo é o dos professores e pesquisadores canadenses Couture, Martineau e Ducharme (1999), da Universidade de Montreal, ao qual nos referimos anteriormente. O programa de pesquisa – financiado pelo Conseil National de Recherche en Sciences Humaines du Canada (CRSHC) – teve como objetivo geral traçar um amplo panorama da Arquivística no mundo e foi desenvolvido em três etapas entre 1988 e 2000 (Couture, 2001-2002). Uma parte importante da pesquisa consistiu em uma revisão da literatura com o objetivo de mapear o estado da arte sobre o tema da “pesquisa em arquivística”. Na verdade, alertam os autores, buscou-se “mais recensear os textos que falaram da pesquisa, enquanto uma atividade científica” (p. 71).

No relatório de síntese do projeto, publicado em um artigo da revista *Archives*, Couture esclarece que o estudo por ele coordenado buscou abordar três aspectos relacionados à pesquisa em Arquivística:

⁹ A formulação do princípio de respeito aos fundos em 1841, na França, viria a demonstrar que, de fato, a Arquivologia poderia se constituir em uma disciplina específica, desvinculando-se dos princípios biblioteconômicos. Pela primeira vez, afirmava-se que os documentos de arquivos eram produzidos e acumulados de forma totalmente diferente de outros documentos, inclusive os de biblioteca. Isso teria repercussões na abordagem dos arquivos, na sua organização e interpretação. O uso, digamos, das “técnicas” de catalogação utilizadas para os livros seria uma forma de descaracterizar os documentos arquivísticos, fazendo com que esses perdessem sua integridade e organicidade.

¹⁰ Na verdade, esse projeto do Pibic nasceu em 2001, quando fomos convidados a fazer um artigo para o primeiro número da revista *Cenário Arquivístico*. Após uma pesquisa com a colaboração de uma mestranda, os resultados bastante parciais foram publicados no número 1 da referida revista, com o título *A pesquisa em Pós-graduação no Brasil: balanço e perspectivas*. (Rodrigues e Aparício, 2002). O mesmo artigo foi publicado na revista portuguesa *Páginas A&B* (2003), por meio de um acordo entre os editores das duas publicações. A grande inspiração para esse trabalho veio do livro de Couture, Martineau e Ducharme (1999), já citado.

a) os campos de pesquisa na área; b) a divulgação (ou comunicação da pesquisa); e, c) a metodologia e o apoio institucional à pesquisa (Couture, 2001-2002, p. 36). Das conclusões anunciadas, tanto na obra traduzida no Brasil em 1999 (Couture, Ducharme, Martineau, 1999), quanto no artigo de Couture (Couture, 2001-2002), destacaremos alguns aspectos relacionados especificamente à pesquisa em Arquivística. O primeiro diz respeito à importância que lhe é atribuída pela maioria dos autores referenciados: “A pesquisa em arquivística se desenvolve pouco a pouco, ao modo da disciplina. A maior parte dos autores está de acordo para afirmar que ela é essencial ao seu desenvolvimento. [...] demo-nos conta da importância que se reveste a formação e a pesquisa para a arquivística contemporânea” (Couture, Martineau, Ducharme, 1999, p. 71-72).

Dois outros aspectos, bastante interessantes, apontados no artigo de síntese de Couture (2001-2002) sinalizam para problemas que, parecidos, estão bem próximos da realidade brasileira, isto é, a deficiência numérica de pesquisadores, além da natureza ainda marginal das atividades de pesquisa e das dificuldades de se obter financiamento institucional para essa atividade:

Do ponto de vista da pesquisa, a ameaça é igualmente de ordem quantitativa. O leque de temas a ser estudado é de tal monta que um número restrito de pesquisadores trabalha sobre cada um deles. A isso se acrescentam outros fatores de precariedade, tais como a natureza marginal das atividades de pesquisa e as dificuldades de seu financiamento (Couture, 2001-2002, p. 43-44, tradução nossa).

Outro estudo que deve ser destacado, pois também buscou compreender o desenvolvimento da Arquivística no âmbito acadêmico, na Espanha, é o de Bonal Zazo (2003).¹¹ Esse estudo se concentrou nos seguintes aspectos: a) quantitativo (volume de produção por campos de pesquisa); b) pesquisa por tipos de arquivos; c) análise dos periódicos mais estudados; d) pesquisa por universidades e faculdades; e) evolução cronológica da produção, com o recorte metodológico inspirado, em larga medida, no programa de pesquisa de Couture. Embora com objetivos mais limitados, esse trabalho é interessante porque buscou “identificar as universidades espanholas mais produtivas na área, os principais temas de interesse de pesquisa e a evolução cronológica da produção” (p. 351, tradução nossa). Suas conclusões, como veremos a seguir, vão ao encontro de algumas de nossas hipóteses com relação a certas características do desenvolvimento da disciplina arquivística no Brasil.

Bonal Zazo parte do pressuposto que a Arquivística, como disciplina científica, sofreu uma transformação radical na Espanha nos últimos anos e ocupa, naquele país, um lugar “adequado” no cenário nacional das ciências da documentação. O autor atribui essa situação favorável a alguns fatores, tais como: legislação dos arquivos, desde 1985; o elevado grau de associativismo profissional, com o surgimento, em meados dos anos 1980, início dos 90, de novas associações; a constituição de inúmeros grupos de trabalho. Mas, destaca, foi a introdução da disciplina

¹¹ Apresentado no Primer Congreso Universitario de Ciencias de la Documentación, na Espanha, 2003.

no meio acadêmico, no início dos anos 80, no contexto dos estudos universitários de Biblioteconomia e Documentação que, de fato, propiciou o seu desenvolvimento (Bonal Zazo, 2003, p. 351).¹²

Nesse estudo, Bonal Zazo observa que, inicialmente, havia elaborado um “quadro temático de classificação”, a partir do qual ele pretendia analisar tanto as teses sobre temas arquivísticos nas universidades espanholas, quanto os artigos publicados em periódicos, em um total de nove temas. Entretanto, destaca o autor, esse quadro de classificação revelou-se inadequado para a análise dos trabalhos acadêmicos, sendo necessária uma classificação específica, com base na análise das próprias teses. Os temas que emergiram dessa nova metodologia foram: elaboração de instrumentos de descrição; estudos diplomáticos e paleográficos; edições críticas de documentos; transcrição de documentos; história dos arquivos; arquivos clínicos e de farmácia; organização de arquivos; tipos de arquivos, suportes documentais e análises de documentos.

Dentre as conclusões do estudo de Bonal Zazo, gostaríamos de destacar dois aspectos. Um deles, relacionado diretamente à natureza das pesquisas desenvolvidas em Arquivística nas universidades espanholas; o outro, diz respeito às diferenças de enfoque dos trabalhos originados nas universidades e aqueles cuja origem encontra-se no meio profissional. Quanto ao primeiro aspecto, o autor constatou que há uma predominância da multidisciplinaridade nesses estudos. Segundo ele, a maioria das pesquisas produzidas nas universidades procede do campo das humanidades e são também inúmeros os estudos procedentes de disciplinas como o direito, a informática e as ciências da informação, dentre outras. Uma segunda característica geral desses trabalhos acadêmicos, observa o autor, é a presença de uma diversidade de metodologias de pesquisa e de enfoques de análise. O autor conclui que isso resulta do caráter multidisciplinar da disciplina. Em relação aos artigos publicados por profissionais fora das universidades, ele avalia que esses últimos estão mais preocupados com questões pontuais e técnicas.

Em linhas gerais, há, segundo Bonal Zazo, uma:

[...] notável diferença de interesse entre os temas de pesquisa universitários e os realizados por profissionais: enquanto os primeiros se orientam para questões teóricas relacionadas, sobretudo, com o estudo do patrimônio documental, os segundos centram sua atenção no estudo de temas de caráter prático, relacionados com o desenvolvimento do exercício profissional (Bonal Zazo, 2003, p. 358, tradução nossa).

A configuração da pesquisa em Arquivística nos programas de pós-graduação no Brasil

Como já assinalamos na introdução, neste artigo buscar-se-á compreender a inserção da Arquivologia nos programas de pós-graduação no Brasil a partir do mapeamento das suas linhas de pesquisa que têm afinidade com a área, os quais são *locus* de produção científica e mais uma interface do desenvolvimento da disciplina. Segundo González de Gomes (2003, p. 41), a partir das reflexões de Lenoir (1997), os programas de pesquisa – que se concentram na resolução

¹² O autor observa, contudo, que, antes da introdução da Arquivística como disciplina, algumas universidades espanholas já haviam incorporado estudos relacionados com os arquivos e a Arquivística.

de problemas, são atrelados a nichos institucionais de inovação, possuem grande influência de técnicas e descobertas de outras áreas, são fortemente associados a uma base instrumental e têm, só em parte, seu sucesso explicado pelo poder cognitivo da base de pesquisa desenvolvida – constituem “uma complexa ecologia de agentes, instituições, processos e produtos dos conhecimentos”. Nesse sentido, julgamos pertinente eleger como universo de pesquisa – para compreender o *status* da Arquivologia como uma disciplina também voltada para a pesquisa científica, logo para a produção de conhecimento – esses espaços institucionais.

Como lembra Sousa (2003, p. 240), evocando Jean-Pierre Wallot “sem a pesquisa, a Arquivística está condenada a permanecer como um corpo de práticas e de receitas sem racionalidade científica. O fato de ser uma disciplina com finalidades pragmáticas a coloca em fronteira perigosa com o empirismo.”

No nosso recorte metodológico, portanto, identificamos inicialmente os programas de pós-graduação no Brasil que poderiam, em princípio, abrigar linhas de pesquisa ou temáticas próximas da Arquivística, distribuídos em universidades federais. De antemão, esclarecemos que, embora os cursos de pós-graduação *lato sensu* pareçam ocupar um papel considerável na formação dos arquivistas, não os consideramos, por enquanto, no universo pesquisado pela dificuldade de mapeá-los e qualificá-los, particularmente quanto às monografias produzidas nesses cursos.¹³ Alguns aspectos abordados no nosso programa de pesquisa já foram recentemente objeto de uma tese de doutorado cujos resultados também foram publicados em livro (Fonseca, 2005).

Assim, identificamos os seguintes programas de pós-graduação: Ciência da Informação, Comunicação, e História, em um total de 13 programas. A inclusão do Programa de Pós-Graduação em História Social da USP deve-se à representatividade da Arquivística em uma linha de pesquisa desse programa. Por outro lado, em uma etapa posterior da pesquisa, identificamos mais um programa – o mestrado em Administração da UFSC – que também se enquadrava no tema pelas suas linhas de pesquisa, como se pode constatar no Quadro 3, aumentando esse número para 14. É importante ressaltar que o *locus* institucional da Arquivística, o porquê das opções da disciplina estar em um ou em outro departamento ou faculdade/instituto, é um debate em aberto, como nos lembra Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 33): “[...] a questão da instituição de vinculação – departamento de história, biblioteconomia/ciências da informação – fez com que se gastasse bastante tinta desde o início do século XX. Na década de 80, chegou-se a um ‘consenso apático’, o qual consiste em aceitar, indiferentemente, todas as fórmulas possíveis.”

A constatação acima foi apresentada de uma maneira mais detalhada pelo coordenador da pesquisa já mencionada (Couture, 2001-2002). Esse autor mostra que das 67 instituições pesquisadas (70 países) – cujas respostas aos questionários puderam ser analisadas quanto ao vínculo departamental e de escolas que ofereciam formação em Arquivística – percebeu-se, de fato, uma dispersão da formação entre diferentes departamentos/escolas. Mas, pelos dados, ficou claro que essa formação se concentra em: Biblioteconomia e em Ciência da Informação (25%);

¹³ Pela sua regularidade, antiguidade, vínculo institucional e perfil do corpo docente, o Curso de Especialização em Arquivos da Universidade de São Paulo, que funciona desde 1986, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), deverá ser considerado na pesquisa para a dissertação de mestrado, assim como o mestrado profissionalizante da FGV/CPDOC que abriga uma linha de pesquisa denominada “acervo e informação”, cuja descrição demonstra claramente que o seu objeto são os arquivos.

Arquivística (31%) e História (19%).¹⁴ Esse resultado fez o autor tecer as seguintes considerações: “Defendida por vários autores, a corrente que apóia a integração [da arquivística] às ciências da informação é majoritária em relação às outras tendências e se assiste progressivamente, nesses últimos anos, à inserção do termo arquivística na denominação desses departamentos” (Couture, 2001-2002, p. 23, tradução nossa).

Para nós, parece evidente que o vínculo institucional da Arquivologia, como curso de graduação, em um ou em outro departamento/instituto/faculdade pode ter implicações na caracterização das pesquisas na pós-graduação: os temas, tipos de abordagem, os métodos, os autores, etc. Mas isso ainda é, por enquanto, apenas uma hipótese, que poderá ser confirmada ou não durante a pesquisa.

Parte do nosso programa de pesquisa precisa identificar, então, o *locus* institucional da Arquivologia e, para isso, elaboramos uma primeira planilha que identifica esses espaços, com base no mapeamento dos seguintes dados: a) identificação dos cursos de Arquivologia no Brasil, os departamentos e os institutos/faculdades/centros de vinculação, o ano de criação do curso e o Estado da Federação onde se encontra a universidade, conforme Quadro 1.¹⁵

¹⁴ Os outros foram: Documentação (6%); Patrimônio (2%) e fora de departamentos (5%). O autor explica que estes últimos são diretamente ligados a uma faculdade ou à direção da universidade. É o caso, no Brasil, do Curso de Arquivologia da UFBA.

¹⁵ As informações dos Quadros 1, 2, 3 e 4 baseiam-se nos autores citados, em dados dos sítios da Capes, do Ibict, das universidades referidas e em consultas telefônicas.

Quadro 1 – Cursos de Arquivologia no Brasil e seus vínculos institucionais

Universidade	Departamento	Faculdade/Instituto/Centro	Ano de criação	Estado
UFSM	Departamento de Documentação	Centro de Ciências Sociais e Humanas	1977	RS
UniRio	Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos	Centro de Ciências Humanas e Sociais	1977	RJ
UFF	Ciência da Informação	Instituto de Arte e Comunicação Social	1979	RJ
UnB	Ciência da Informação e Documentação	Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação	1990	DF
UEL	Ciências da Informação	Centro de Educação, Comunicação e Artes	1997	PR
UFBA	*	Instituto de Ciência da Informação	1997	BA
UFRGS	Ciência da Informação	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação	1999	RS
Ufes	Ciências da Informação	Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas	2001	ES
Unesp/Marília	Ciência da Informação	Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília/SP	2003	SP

Fonte: Elaboração própria, com base em Jardim (1999).

* Na UFBA existem dois departamentos – o de Biblioteconomia e o de Documentação e Informação. O curso de Arquivologia não está vinculado a nenhum deles e sim diretamente ao Instituto de Ciência da Informação e tem seu próprio colegiado de curso. Essa informação, que não está clara no sítio da UFBA, nos foi fornecida por telefone.

A existência de programas de pós-graduação no departamento ao qual o curso de Arquivologia está vinculado e a participação, em número, de docentes de Arquivologia nesses programas são apresentados no Quadro 2. Estamos considerando aqui os vínculos de fato desses docentes com o curso, não aqueles eventuais, como, por exemplo, apenas ministrar disciplinas. A hipótese é de que professores dos cursos de Arquivologia com doutorado estariam presentes na pós-graduação e muito provavelmente existiriam linhas de pesquisas em que fosse possível

trabalhar com temas arquivísticos. Lembramos que a exceção, nesse caso, é o Programa de Pós-Graduação em História Social da USP. Embora não exista curso de graduação em Arquivologia nessa universidade, a linha de pesquisa “Historiografia e Documentação”, é uma das mais produtivas quanto à pesquisa em Arquivística. Dois fatores podem justificar essa situação: a existência de um Curso de Especialização em Arquivos na USP e participação de docentes cujos interesses de pesquisa estão centrados essencialmente nas questões colocadas pela Arquivística.

Quadro 2 – Programas de pós-graduação em departamentos que oferecem o curso de Arquivologia e docentes desses cursos que atuam na pós-graduação

Curso de graduação em Arquivologia	Programa de pós-graduação no departamento de vinculação do curso	Número de docentes do curso de graduação em Arquivologia no programa de pós do departamento
UFSM	Não tem pós <i>stricto sensu</i>	-
Unirio	Pós-graduação em Memória Social	0
UFF	Pós-graduação em Ciência da Informação	6
UnB	Pós-graduação em Ciência da Informação	2
UEL	Não tem pós <i>stricto sensu</i>	-
UFBA	Pós-graduação em Ciência da Informação	2
UFRGS	Pós-graduação em Comunicação e Informação	1
Ufes*	Não tem pós <i>stricto sensu</i>	-
Unesp/Marília	Pós-graduação em Ciência da Informação	3

Fonte: Elaboração própria.

*No caso do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo, onde existem dois programas de pós-graduação no centro ao qual o curso está vinculado – um mestrado em Administração e outro em Economia –, e ainda não foi possível cruzar as informações relacionadas ao corpo docente.

¹⁶ Para a identificação inicial dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação foi importante a pesquisa de Población (2005), quando foram identificados nove cursos: Ibict/UFRJ, PUCCAMP, UFBA, UFMG, UFPB, UFSC, UnB, Unesp e USP. Lembramos que o curso do Ibict agora está na Universidade Federal Fluminense (UFF), conforme convênio firmado em 2003.

O Quadro 3 mapeia os programas de pós-graduação,¹⁶ os níveis dos cursos (mestrado/doutorado), ano de criação, área de concentração e as linhas de pesquisa. A identificação das linhas de pesquisa tem como objetivo verificar se elas sugerem, pelo título, a possibilidade de pesquisas com temas arquivísticos. É importante salientar que as informações do Quadro 3 sofrem modificações com certa regularidade, considerando-se que muitos cursos alteram sua denominação, suas áreas de concentração e linhas de pesquisa, por motivos diversos. Entretanto, no essencial, consideramos que as informações espelham a inserção dos programas em determinada área do conhecimento e, dentro dessa, com recortes específicos.

Quadro 3 – Cursos de pós-graduação cujas linhas de pesquisa indicam a possibilidade de realização de pesquisas com temas arquivísticos

(Continua)

Universidade	Programa	Curso	Início	Área de concentração	Linhas de pesquisa
Ibict/UFRJ*	Pós-graduação em Ciência da Informação	Mestrado e Doutorado	1970 1992	- Conhecimento, processos de Comunicação e Informação - Política e gestão do conhecimento e da informação	- Teoria, Epistemologia, Interdisciplinaridade em C. I. - Processamento e Tecnologia da Informação - Configurações Sociais e Políticas da Informação - Gestão da Informação
USP/FFLCH	Pós-graduação em História Social	Mestrado e Doutorado	1971	- História Social	- História da Cultura - História dos Movimentos e das Relações Sociais - História Política - História da Ciência e da Técnica - Escravidão e História Atlântica - Historiografia e Documentação**
USP/ECA	Pós-graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	1972 1980	- Ciência da Informação e Documentação	- Ação Cultural - Análise Documentária - Geração e Uso da Informação - Informação, Comunicação e Educação
Unesp/Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília	Pós-graduação em Ciência da Informação	Mestrado	1998	- Informação, tecnologia e conhecimento	- Informação e Tecnologia - Organização da Informação
UFMG/Escola de Ciência da Informação	Pós-graduação em Ciência da Informação	Mestrado e Doutorado	1976 1997	- Produção, organização e utilização da informação	- Gestão da Informação e do Conhecimento - Informação, Cultura e Sociedade - Organização e Uso da Informação
PUC–Camp/Fabi	Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação	Mestrado	1977	- Administração da Informação	- Gestão de Serviços da Informação - Produção e Disseminação da Informação
UFPB/Centro de Ciências Sociais e Aplicadas	Pós-graduação em Ciência da Informação	Mestrado	1972	- Informação e sociedade	- Informação e Cidadania - Desenvolvimento
UnB/Departamento de Ciência da Informação e Documentação	Pós-graduação em Ciência da Informação	Mestrado e Doutorado	1978 1992	- Transferência da informação	- Arquitetura da Informação - Comunicação da Informação - Gestão da Informação e do Conhecimento
UniRio/Centro de Ciências Humanas e Sociais	Pós-graduação em Memória Social***	Mestrado e Doutorado	1986 2005	- Dinâmica documental e construção da identidade - Políticas culturais, documento e imaginário social	- Memória e Patrimônio - Memória e Espaço - Memória e Linguagem - Memória, Subjetividade e Criação
UFF/ECA	Pós-graduação em Comunicação, Imagem e informação	Mestrado	1998	- Comunicação	- Mídia e Discurso - Comunicação, Tecnologia e Informação - Análise e Experimentação da Imagem e do Som

Quadro 3 – Cursos de pós-graduação cujas linhas de pesquisa indicam a possibilidade de realização de pesquisas com temas arquivísticos

(Continuação)

Universidade	Programa	Curso	Início	Área de concentração	Linhas de pesquisa
UFBA/Instituto de Ciência da Informação	Pós-graduação em Ciência da Informação****	Mestrado	1998	- Informação e conhecimento na sociedade contemporânea	- Informação e Conhecimento em Ambientes Organizacionais - Informação e Contextos Socioeconômicos
UFRGS/Faculdade de Biblioteconomia e Documentação	Pós-graduação em Comunicação e Informação	Mestrado e Doutorado	1995 e 2001	- Comunicação e informação	- Comunicação, Representações e Práticas Culturais - Informação, Tecnologias e Práticas Sociais
UFSC/Centro Socioeconômico	Pós-graduação em Administração	Mestrado	1978	- Organização e sociedade; - Gestão da informação e da inovação	- Comportamento e Organização; - Gestão de Cursos e Finanças; - Gestão da Inovação, da Produção e da Informação; - Política e Gestão Universitária
UFSC/Centro de Ciências da Educação	Pós-graduação em Ciência da Informação	Mestrado	2003	- Gestão da informação	- Fluxos de Informação - Profissionais da Informação

Fonte: Elaboração própria.

* Conforme informações do sítio do Ibict, em 1970, teve início o *Mestrado em Ciência da Informação*, inaugurando a pós-graduação *stricto sensu* no Instituto. A partir de 1983, por meio de um convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), esse curso passou a funcionar como uma unidade da Escola de Comunicação da UFRJ (Eco/UFRJ). Em novembro de 2000, a UFRJ comunicou a não-renovação do convênio, fechando-se a inscrição e seleção de novos alunos para o programa. Em 2003, foi firmado novo convênio, dessa vez com a Universidade Federal Fluminense (UFF).

** Essa linha de pesquisa é representada pelas professoras Ana Maria de Almeida Camargo e Heloisa Liberalli Bellotto, cujas pesquisas e orientações estão essencialmente voltadas para a Arquivística.

*** Antes denominado "Memória social e documento".

**** Em 1998, quando foi criado, o Programa denominava-se "Informação Estratégica". Em 2002, passou a se chamar "Ciência da Informação".

A pesquisa nos sítios das universidades e da Capes permite identificar as áreas de concentração dos programas de pós-graduação e as linhas de pesquisa, nas quais, em princípio, poderiam ser desenvolvidos estudos com temáticas arquivísticas. Entretanto, não foram localizadas teses ou dissertações cujos títulos indicassem temáticas arquivísticas em todos esses programas. Um dos problemas é a dificuldade do enquadramento das teses e dissertações apenas pelos títulos. Por isso, é importante advertir que a planilha que resultou no Quadro 4 serve mais como um indicador de tendência, do que propriamente um dado definitivo.

A distribuição quantitativa dessa produção nos programas de pós-graduação pode ser observada, então, no Quadro 4.

Quadro 4 – Distribuição de dissertações e teses com temas arquivísticos nos programas de pós-graduação selecionados

Universidade/Programa de pós-graduação	Número de dissertações e teses (até 2004)
Ibict/UFRJ* Pós-Graduação em Ciência da Informação	14
USP/ECA/Pós-Graduação em Comunicação	5
USP/FFLCH/Pós-Graduação em História Social	11
Unesp – Marília/Pós-Graduação em Ciência da Informação	1
UFMG/Pós-Graduação em Ciência da Informação	8
PUC-CAMP/Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação	7
UFPB/Pós-Graduação em Ciência da Informação**	1
UnB/Pós-Graduação em Ciência da Informação	10
UNIRio/Pós-Graduação em Memória Social	7
UFF/Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação	5
UFBA/Pós-Graduação em Ciência da Informação	1
UFRGS/Pós-graduação em Comunicação e Informação	0
UFSC/Centro de Ciência da Educação/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	0
UFSC/Centro Socioeconômico/Programa de Pós-Graduação em Administração	3
Total	73

Fonte: Elaboração própria.

* Esse curso não está mais na UFRJ, como já observamos anteriormente. Preferimos mantê-lo no Quadro, pois, de qualquer forma, à época do levantamento era assim que se configurava a produção com temas arquivísticos.

** Programa atualmente descredenciado pela Capes.

Considerações finais

A maioria dos cursos de Arquivologia (6) está vinculada aos departamentos de Ciência da Informação, o que parece, de fato, indicar uma acomodação acadêmica (ou o “consenso apático” ao qual se refere Couture) da Arquivologia como uma subárea da Ciência da Informação, e, a esse número, ainda se poderia acrescentar mais um, pois o departamento de vinculação do curso da Universidade Federal de Santa Maria denomina-se “Documentação”, portanto, próximo da Ciência da Informação. Podemos também observar, no Quadro 1, que os cursos de graduação em Arquivologia estão distribuídos em duas grandes áreas do conhecimento (conforme classificação do CNPq): Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas. Esse dado parece refletir ou uma busca de identidade da área ou, ainda, uma reafirmação do caráter interdisciplinar/multidisciplinar da Arquivologia, o que nos remete às conclusões da pesquisa de Bonal Zazo, apresentadas anteriormente. Por outro lado, segue de certa forma, a tendência apontada por Couture (2001-2002), de uma aproximação entre a Arquivística e a Ciência da Informação.

Quando se lê as informações do Quadro 2 quanto à inserção da Arquivologia nos Programas de Pós-graduação *stricto sensu*, pode-se constatar que dos nove cursos de Arquivologia, quatro estão em departamentos que têm pós-graduação em Ciência da Informação. Supõe-se então que a trajetória natural dos docentes da graduação em Arquivologia, desde que tenham doutorado, seja o seu credenciamento nesses programas. Dos outros cinco restantes, um deles está em um departamento que tem um programa com afinidade com a Ciência da Informação: a pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS em que a linha de pesquisa “Informação, Tecnologias e Práticas Sociais” permite perfeitamente desenvolver pesquisas com temas arquivísticos e que tem um docente do curso de Arquivologia credenciado. Dois outros cursos (UEL e Ufes) ainda estão em departamentos que não têm programa de Pós-graduação *stricto sensu*. No curso da Unirio – que está em um departamento cujo programa de pós-graduação está classificado como sendo de natureza multidisciplinar e que não tem professores do curso de Arquivologia credenciados no programa – foram identificadas dissertações com temas arquivísticos. Finalmente, uma das razões que poderia explicar o número muito pequeno de docentes de Arquivologia nos programas de pós-graduação dos seus respectivos departamentos, como se pode constatar no Quadro 2, é a ausência de titulação (doutorado) desses professores que ainda estariam em sua grande maioria, completando sua formação (mestrado e doutorado).¹⁷

¹⁷ No caso da Universidade de Brasília (UnB), por exemplo, esse quadro vai mudar rapidamente, pois quatro professores do Curso de Arquivologia (dois recém-doutores e dois concursados) irão se integrar logo ao programa de pós em Ciência da Informação do Departamento, fazendo aumentar o número atual de dois para seis docentes na pós-graduação.

¹⁸ No caso específico do Curso de Arquivologia da UnB, uma pesquisa que realizamos para a produção do Manual do Curso revelou que as negociações iniciais para a sua criação ocorreram com o Departamento de História, mas não tiveram prosseguimento, aparentemente pela falta de entusiasmo da História. Foi justamente pelo fato de o Curso de Arquivologia ter sido implementado no Departamento de Biblioteconomia que este teve sua denominação alterada para “Ciência da Informação e Documentação”.

¹⁹ O número indicado no Quadro 4 relacionado à USP está, acreditamos, aquém da produção efetiva dos dois Programas. Essa dificuldade deve-se ao fato de não ser possível, apenas pelos títulos das teses e dissertações, enquadrá-las nos temas arquivísticos.

²⁰ Nessa fase da pesquisa ainda não era nosso objetivo consultar o texto integral das teses e dissertações.

Quanto aos vínculos departamentais, uma variável a ser investigada é a razão histórica de os cursos de Arquivologia estarem em um ou em outro departamento, nas ciências humanas ou nas ciências sociais aplicadas. Para isso seria necessário pesquisar nos documentos de criação e implantação desses cursos.¹⁸

Outra variável também a ser considerada, nesse caso, é a presença de docentes cujos interesses temáticos de pesquisa estão essencialmente voltados para a Arquivologia, como é o caso do programa em História Social da Universidade de São Paulo. Pode-se supor que esses pesquisadores – que já tinham uma carreira acadêmica consolidada em História – provavelmente em função do seu envolvimento com a prática e as reflexões próprias da Arquivologia tenham provocado uma demanda por orientação, com temática arquivística, em História. A opção mesmo de criar, no departamento de História, uma linha de pesquisa intitulada “Historiografia e Documentação” parece confirmar isso.¹⁹

Foi possível constatar, também, que as linhas de pesquisa, cujos títulos indicam ser possível produzir teses ou dissertações com temas arquivísticos concentram-se majoritariamente nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação (Ibict/UFRJ, Unesp, UFMG/ECI, PUC-Camp/Fabi, UFPB/CCS/DBD e UnB/Face/CID). As universidades que possuem o maior número de dissertações e teses com temáticas voltadas para a Arquivologia são a USP/História/ECA (16) e a UFRJ/Ibict (14). Examinando-se os títulos das pesquisas,²⁰ observou-se que a maioria dessas teses e dissertações relaciona-se aos temas clássicos da Arquivística, tais como: o tratamento/ organização de documentos (classificação, avaliação, tipologia

documental, elaboração de instrumentos de pesquisa, recuperação da informação/acesso) e com as novas tecnologias da informação (principalmente documentos eletrônicos). Temas relacionados à memória e à história de instituições arquivísticas também foram identificados.

Esses dados parecem indicar o delineamento de um espaço de pesquisa com temas propriamente arquivísticos, ainda que, é bom lembrar, fortemente interdisciplinar e multidisciplinar. Isso pode ser explicado também pelo fato de a Arquivologia ser uma disciplina que ainda está se construindo, cuja identidade ainda é difusa, particularmente no meio acadêmico. Evidentemente, não estamos defendendo aqui que essa identidade se faça à custa do seu isolamento. Ao que tudo indica, hoje, mesmo para as ciências consolidadas, isso não é mais possível. As questões postas pela sociedade contemporânea exigem cada vez mais olhares múltiplos e, no caso da Arquivologia, suas relações tradicionais com a História, e depois com a Ciência da Informação, a Biblioteconomia, a Informática, o Direito, a Administração indicam que a abordagem da informação orgânica – objeto da Arquivologia – não se pode fazer com apenas um viés de análise.

Os dados levantados nos permitem concluir que, no Brasil, a Arquivologia, como disciplina do conhecimento já começa a delinear uma “comunidade científica”. A identificação de grupos de pesquisa, congregando pesquisadores da área, poderá nos apontar se caminhamos para uma consolidação dessa comunidade.

O número de dissertações e teses com temática propriamente arquivística (73 trabalhos) pode parecer insignificante apenas se comparado ao de outras disciplinas já consolidadas. Mas, em se tratando de um campo recente na área acadêmica, esse resultado adquire outra dimensão. Os dados nos apontam também para outra reflexão. A maioria dos cursos de Arquivologia funciona apenas no horário noturno e isso provavelmente se reflete no número de estudantes que podem, futuramente, se dedicar à pesquisa e pode ser uma dificuldade adicional para os docentes dos cursos no sentido de preparar futuros pesquisadores. Esse dado sugere que, em um primeiro momento, as pós-graduações têm atraído prioritariamente profissionais que já trabalham em instituições arquivísticas ou similares. Por outro lado, o fato de a graduação em Arquivologia ser recente faz com que os alunos formados na área ainda estejam em fase de amadurecimento. Outro aspecto a ser apontado diz respeito às observações de Couture (2001-2002) para o qual ainda há uma deficiência de docentes e pesquisadores em Arquivologia. A realidade do Brasil parece corroborar isso, conforme se constatou no Quadro 2. Os resultados desse Quadro destacaram a existência de docentes que são, de fato, vinculados aos Cursos de Arquivologia e que também estão nos programas de pós de seus departamentos. Uma variável importante que não foi considerada neste trabalho, mas que deverá ser objeto de análises futuras, é a possibilidade de os docentes doutores dos cursos de Arquivologia, cujos departamentos não têm Pós-graduação *stricto sensu* (exemplos da UEL e da Ufes), estarem credenciados em outros programas de suas universidades (ou mesmo fora delas). É necessário, portanto, acompanhar o percurso desses docentes.

Deve-se considerar também que parte das pesquisas em Arquivística, conforme o Quadro 4, parecem caminhar independentemente da existência de docentes da Arquivologia nos programas de pós, ou seja, há orientadores capazes de orientar teses e dissertações com temáticas arquivísticas o que, como já havíamos destacado anteriormente, pode repercutir nos recortes temáticos e nos métodos. Quando cruzarmos o perfil dos orientadores com o dos orientandos, quem sabe poderemos concluir que, muitas vezes, os orientandos que têm formação em Arquivística ou são profissionais da área ou acabam influenciando os próprios orientadores e até, conforme o caso, redirecionando ou ampliando os interesses desses últimos.

A conclusão mais geral que gostaríamos de destacar é a de que o percurso da disciplina arquivística no Brasil, até sua inserção na pós-graduação *stricto sensu*, parece seguir, em grandes linhas, o modelo internacional, guardando, é claro, certas particularidades. De uma atividade eminentemente prática, passando por um movimento associativo, sua institucionalização nas universidades e seu reconhecimento como uma subárea da Ciência da Informação, a disciplina faz-se reconhecer também na pesquisa científica. Finalmente, a distribuição das pesquisas, conforme o Quadro 4 e a vinculação departamental (institutos, faculdades, centros) dos cursos de Arquivologia nos faz refletir sobre o significado do enquadramento da disciplina nas Ciências Sociais Aplicadas, tal como aparece no quadro de classificação do CNPq.

Referências

- BONAL ZAZO, J. L. *La investigación universitaria sobre archivos y arquivística en España a través de las tesis doctorales*. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/multidoc/multidoc/revista/num10/paginas/pdfs/Jlbonal.pdf>. Acesso em dez/2003.
- BOTTINO, M. Panorama dos cursos de Arquivologia no Brasil: graduação e pós-graduação. *Arquivo & Administração*, 15, n. 23, p. 12-18, 1994.
- BRITTO, M. T. N. Cartografia do Ensino Universitário de Arquivologia nas Américas. In: JARDIM, J. M. e FONSECA, M. O. (orgs.) *A formação do Arquivista no Brasil*. Niterói: EdUFF, 1999, p. 9-30.
- CASTRO, A. M.; CASTRO, A. M.; GASPARIAN, D. M. C. *Arquivística, Arquivologia*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.
- CNPq. *Avaliação e Perspectivas*. v. IX. Brasília: CNPq, 1978.
- _____. *Avaliação e Perspectivas*. v. 8. Ciências Sociais Aplicadas. Brasília: CNPq, 1983.
- COUTURE, C.; MARTINEAU, J.; DUCHARME, D. *A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo*. Trad. Luis Carlos Lopes; Brasília: Finatex, 1999.
- COUTURE, C. La formation et la recherche en archivistique. Éléments révélateurs de l'état de développement de l'archivistique contemporaine. Synthèse d'un projet de recherche. *Archives*, v. 33, n. 2, p. 21-51, 2001-2002.

CUNHA, A. A.; RODRIGUES, G. M. A pesquisa em Arquivística no Brasil: um estudo da produção científica nos programas de pós-graduação e de iniciação científica e do papel das agências financiadoras. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UnB, 9, 2003, Brasília. *Resumos...* Brasília: UnB, 2003. 1 CD-ROM.

_____. A pesquisa em Arquivística nas Universidades Brasileiras: um estudo da produção científica no âmbito dos programas de Pós-graduação e de Iniciação Científica. In: ENANCIB, V., 2003, Belo Horizonte, MG: *Anais...* Brasília: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros/Núcleo Regional de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Lisboa: Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.

FONSECA, M. O. K. Arquivologia e Ciência da Informação. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. In: *Transinformação*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2003.

JARDIM, J. M. A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-1995). *Ciência da Informação*, v. 27, n. 3, p. 243-252, set./dez. 1998.

_____.; FONSECA, M. O. (orgs). A formação do arquivista no Brasil. Niterói: EdUFF, 1999.

MEADOWS, A. J. *A Comunicação científica*. Trad. Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MUELLER, S. P. M.; PASSOS, E. J. L. *Comunicação Científica*. Brasília: Departamento de Ciência da Informação e Documentação/UnB, 2000.

POBLACIÓN, D. A. Visibilidade da produção científica gerada pelos docentes e egressos dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação e as interfaces com os Grupos de Pesquisa da área, constantes do diretório do CNPq. In: "*DataGramaZero*" – "*Revista da Ciência da Informação*", v. 6, n. 1, fev. 2005. Disponível em: http://www.dgzero.org/fev05/F_I_art.htm. Acesso em fev. 2005.

RODRIGUES, G. e APARÍCIO, M. A. A pesquisa em arquivística na pós-graduação no Brasil: balanço e perspectivas. *Cenário Arquivístico*, Brasília, v. 1, p. 31-39, jan./jun. 2002.

_____. A pesquisa em arquivística na pós-graduação no Brasil: balanço e perspectivas. *Páginas A&B*, Lisboa, n.12, p. 115-130, 2003.

ROUSSEAU, J., COUTURE, C. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F.; RAMOS, J.; REAL, M. L. *Arquivística*. Teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SOUSA, R. T. B. Os princípios arquivísticos e o conceito de classificação. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (orgs.). *Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação*. Estudos avançados em Ciência da Informação, v. 2, Brasília: Thesaurus, 2003.